



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

THIAGO SOARES ALVES

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-470

Entrevistado: Thiago Soares Alves

Nascimento: 26/07/1986

Local da entrevista: Praça da Encol (Porto Alegre)

Entrevistadores: Christiane Garcia Macedo e Bruno de Oliveira e Silva

Data da entrevista: 28/09/2014

Transcrição: Gustavo Bernardi

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 31 minutos e 01 segundos

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início na prática do esporte; Modalidades que praticou até descobrir o vôlei; Times que jogou; Principais competições do Rio Grande do Sul; Pessoas que incentivaram; Glórias e dificuldades da carreira; Times que jogou fora do Brasil; Estados tradicionais no vôlei no Brasil; Primeira convocação para a seleção; Participação em Jogos Olímpicos; Estrutura dos Jogos Olímpicos; Alimentação e transporte olímpico; Experiência negativa; Repercussão dos Jogos Olímpicos na carreira; Repercussão dos Jogos Olímpicos no Rio Grande do Sul; Diferença do vôlei de quando ele começou e hoje; Diferença do vôlei no Brasil e no exterior; Possibilidade de voltar para o Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 28 de setembro de 2014. Entrevista com Thiago Soares Alves a cargo dos pesquisadores Christiane Garcia Macedo e Bruno de Oliveira e Silva para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Thiago, primeiro muitíssimo obrigado por te atrapalhar um domingo de descanso antes de uma viagem importante. A gente queria que você começasse contando como você começou no esporte?

T.A. – É até fácil falar porque eu já expliquei isso muitas vezes não sei se tu sabe um pouco. Sou filho de ex-atletas então desde cedo meus pais incentivaram. Eu tenho uma irmã dois anos mais velha e sempre incentivaram a gente a praticar esportes. E meu pai gostava de falar que desde pequeno a gente ia até no berço para o ginásio porque quando a gente era bebezinho eles ainda jogavam, ele era do basquete e ela do vôlei. Minha irmã entrou no vôlei um pouco antes que eu. Como qualquer guri aqui do Brasil eu jogava futebol, futsal que era o primeiro esporte e então quando eu tinha 10 anos fui para a escolinha do Grêmio Náutico União e ai não parei mais e ali mesmo dentro do clube fui da escolinha para a equipe e comecei a disputar campeonatos e fui gostando cada vez mais. Acho que em 1999 quando eu tinha 13 anos foi a minha primeira convocação para a seleção gaúcha e ali das seleções gaúchas já fui para as seleções brasileiras de base infante, juvenil até chegar na adulta.

C.M. – Você começou no basquete primeiro?

T.A. – É cheguei a fazer uns seis meses de escolinha de basquete junto com o futsal. Fiz judô, fiz varias coisas assim, mas o que eu mais gostava era o futebol, futsal só que meu pai que dizia: “Tu vai ser muito grande o teu negócio vai ser por cima”. Ele por ser jogador de basquete ele tentou me colocar no basquete só que eu acho que ele não gostou muito da escolinha e do professor da escolinha achou que eu poderia estar aprendendo um pouco mais só que quando ele foi me tirar para colocar em outro lugar a minha mãe falou: “Deixa o guri tentar o vôlei” e daí não parei mais.

C.M. – Você começou em que clube?

T.A. – No União, Grêmio Náutico União.

C.M. – Teve algum outro clube aqui de Porto Alegre?

T.A. – Não. Eu me formei em 2003 que até então eu jogava e estudava. Ai em 2003 me formei no Ensino Médio e já fui pra Bento Gonçalves¹ para a minha primeira temporada profissional com 17 anos.

C.M. – E aqui, além do Grêmio Náutico União e do Bento Gonçalves você participou também do Novo Hamburgo?

T.A. – Isso. E de Bento eu fui pra On line² que era de Novo Hamburgo e depois fui pra São Leopoldo, mas o primeiro ano foi em Novo Hamburgo. E daí de Bento que eu fui pra Santa Catarina³.

C.M. – Quais as competições você destacaria aqui nesse período aqui no Rio Grande do Sul?

T.A. – Nessas de bases acho que só na categoria mirim que eu não fui campeão estadual, que a gente chama de mini aqui e que eles chamam de pré-mirim lá pra cima, mas infantil, infante, juvenil e adulto. Adulto o único título foi pela On line então fui campeão estadual em todas essas categorias e pela On line a gente também foi campeão da que hoje é Super Liga B, mas antigamente era a Liga Nacional. Hoje está um pouco mais organizado, porque hoje tem acesso o campeão, não sei se tu acompanha. Eu me lembro que nesse segundo ano em Bento a gente jogou os JIRGS⁴ que são os jogos intermunicipais e a gente também foi campeão. Acho que dentro do estado foram esses ai.

C.M. – Além da sua família, seus pais e sua irmã teve mais alguém que te incentivou na carreira?

¹ Sociedade Educativa, Cultural e Poliesportiva Bento Gonçalves (RS), conhecido também como Bento Vôlei.

² Associação On Line de Esportes/Herval/Novo Hamburgo.

³ Unisul Esporte Clube .

⁴ Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

T.A. – Eles sempre me incentivaram muito. Eu acho que meus amigos, porque essa galera que jogava comigo que eu me lembre de cabeça, da minha geração, acho que dois se tornaram profissionais: Eu e o Lukinha⁵, o líbero. Então os guris iam parando para estudar porque eles viram que talvez não era aquilo que eles queriam. Eles também incentivaram muito e incentivam até hoje então foi um apoio de perto sem ser o da família. Eu lembro quando estava na escolinha lá no União tinha alguns técnicos que fui tendo, até o pessoal da seleção gaúcha que ficava muito concentrado ali no Vale dos Sinos, um pessoal de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Que os técnicos sempre incentivaram muito, quando eu era mais novo era central e até me lembro que foi na seleção gaúcha que comecei a atuar como ponteiro porque ele falou: “Tu não vai ser tão grande” e ele estava certo. Então foram pessoas que incentivaram ali e me ajudaram nesse crescimento.

C.M. – Lembra qual era o nome do técnico?

T.A. – Sim. Aqui no União o meu primeiro técnico aqui da escolinha era o Charles⁶ que hoje ele mora em Santa Catarina. Esse que era da Seleção Gaúcha que era técnico e, às vezes, era supervisor e até hoje está envolvido ali é o Ivan Galo. No União tive também o Dênio⁷ que acho que está até hoje lá, sempre incentivou e ajudou muito. Acho que dentro do estado são esses aí. O Doro⁸ também, que hoje mora na Bahia porque depois do Dênio, o Doro assumiu ali até 2003. O União tinha até infante só, depois teve o juvenil e chegou até um adulto. O União chegou a jogar essa liga nacional um ano também.

C.M. – Teve algum momento na sua vida esportiva que você destacaria antes dos Jogos Olímpicos tanto de glórias como de dificuldades?

T.A. – Antes dos Jogos Olímpicos acho que a maior frustração que tive assim foi um título que gostaria muito de ter conquistado e não tive foi o do mundial juvenil que a gente perdeu para a Rússia a final e lembro que isso me marcou muito. Depois ali não sei de arrependimento e tristeza assim teve esse aí. Depois se a gente for chegar lá os Jogos

⁵ Lucas Provenzano João de Deus.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁷ Dênio Peixoto.

⁸ Antônio Calza Caporal [Doro Caporal].

Olímpicos foram... a gente vai chegar lá. De glórias acho que todos esses três anos, o primeiro título é sempre especial, mas todos esses três anos ali na Cimed⁹ a gente só não foi campeão mundial, então a gente conquistou três vezes seguidas a Super Liga. No primeiro ano até se tu for pegar o time do Minas¹⁰ ali tinha o Nalbert¹¹, tinha muitos jogadores que tinha sido da seleção de ouro¹² a seleção com o Bernardinho¹³ então acho que esse foi um título que me marcou muito.

C.M. – Como é que você chega a sair do estado? Como surge os primeiros convites pra sair?

T.A. – Hoje na Super Liga é por ela, pois tu vai jogando ali. Mas eu acho que uma coisa que ajuda muito aos atletas mais novos que estão se despontando a se destacarem no Brasil acho que são esses campeonatos de seleções. Campeonatos brasileiros entre seleções porque ali que os técnicos das seleções infanto-juvenil eles vão e assistem e ali eles fazem as convocações para as seleções e depois lá tem uma peneira e ai vai afunilando até ficar aqueles que eles consideram os melhores. Chega a ter quase uma centena de atletas que passam por eles e pra chegar a seleção adulta, pra chegar a uma Olimpíada são três, quatro, cinco porque têm muitos que não fizeram parte da seleção de base que só chegaram depois de adultos.

C.M. – Times fora aqui do Rio Grande do Sul?

T.A. – Sai daqui e fui direto pra Unisul que é em São José¹⁴. Joguei três anos em Florianópolis na Cimed. Fui para o Sesi¹⁵. Ai Japão na Panasonic¹⁶ para onde estou indo agora. Depois voltei para o Rio¹⁷. E essa última temporada¹⁸ que foi a mais complicada e

⁹ Cimed Brasil Telecom e Cimed Malwee, times de Vôlei em Florianópolis (SC). Conhecidos também como Floripa Esporte Clube.

¹⁰ Minas Tênis Clube.

¹¹ Nalbert Tavares Bittencourt.

¹² Jogos Olímpicos de Atenas 2004.

¹³ Bernardo Rocha de Rezende.

¹⁴ Santa Catarina.

¹⁵ Serviço Social da Indústria – Voleibol masculino (SP).

¹⁶ Panasonic Panthers.

¹⁷ Associação RJ de Esportes, mais conhecida RJ Vôlei.

¹⁸ 2013/2014.

atípica até hoje da minha carreira, porque eu joguei metade no Rio de Janeiro aí o time deu uma quebrada financeira e fui jogar a outra metade na Turquia¹⁹.

C.M. – Na Turquia qual time?

T.A. – Foi no Fenerbahçe.

C.M. – Quais estados você considera mais tradicionais no vôlei aqui no Brasil?

T.A. – Quando era mais novo aqui, que eu jogava no União, eu ai ali no Tesourinha²⁰ torcer pela Ulbra²¹, acho que desde a Frangosul²² lá do Jorginho²³ e depois os títulos da Ulbra aqui. Depois com o Marcelo Fronckowiak que foi meu técnico no Rio e o Rio Grande do Sul chegou a ter quatro times nacionais em uma mesma Super Liga tinha a Ulbra em Canoas, Bento, Caxias e a Online que era ali em São Leopoldo. Então acho que o Rio Grande do Sul se tu for ver assim, se tu pegar jogadores que já passaram pela seleção só nesse período talvez agora da geração do Bernardinho tem vários gaúchos, então eu considero o Rio Grande do Sul um excelente seleiro, tradicional. Acho que em Minas sempre tiveram times bons e São Paulo acho que hoje é o estado que se tu pegar na super liga sempre é o que tem mais time, mas esse campeonatos de categoria de base infantil, infanto-juvenil ele sempre esteve forte. Até o paulista é um campeonato adulto assim que eu ainda não tenho que eu comecei a jogar pelo Taubaté e tive que sair agora nos play offs, mas eu falei para eles se eles forem campeões vou me considerar campeão também porque eu participei desse inicio e é um título que eu considero visado porque é um campeonato forte. Então acho que São Paulo é um estado que entraria ai também.

C.M. – Bom como foi a sua primeira convocação pra seleção principal?

T.A. – Eu me lembro que foi em 2006 porque eu já tinha completado esse ciclo de dois anos de infanto na seleção brasileira e dois de juvenil e ai depois tu não sabe o que

¹⁹ Fenerbahçe Grundig .

²⁰ Ginásio Municipal Tesourinha, Porto Alegre (RS).

²¹ Time de Volei da Universidade Luterana do Brasil.

²² Frangosul/Ginástica, Novo Hamburgo (RS).

²³ Jorge Schmidt.

acontece, mas eu me lembro que eu estava aqui em Porto Alegre de férias e me ligaram que em 2006 acho que já tinha tido ali nos anos 1990 não me lembro quantos anos, eles queriam fazer tipo uma seleção B que eles acabaram chamando de seleção de novos no início e aí me convocaram para essa seleção de novos e me lembro que até chorei e fiquei super emocionado e contente. Lá a gente fez um *tour* pela Europa e fez alguns amistosos e tal. Depois acho que a Espanha veio jogar aqui também e ali quando acabaram esses amistosos alguns já foram convocados pra adulta. Então fiquei muito surpreso. Uma coisa que sempre digo, sempre fui apaixonado por vôlei, até pela minha mãe, eu assistia pequenininho. Num ano eu assistia a liga mundial e acordava cedo para ver na Globo²⁴. Acordava de madrugada quando era no Japão e no outro ano eu estou ali no meio deles treinando e os caras sabendo quem tu é, te chamando pelo nome, então foi muito marcante e especial.

C.M. – Quais os principais campeonatos você passou na seleção brasileira?

T.A. – Pela seleção, para mim um dos principais, *para mim*, acho que foi o Pan²⁵ porque foi o único no nível adulto que eu fui titular e joguei o campeonato inteiro em que a gente foi campeão em cima de Cuba que estava completa. A gente estava com um time misto alguns da principal e alguns dessa de novos ou B e eles estavam completos e a gente conquistou o título lá no México. Daí a Olimpíada apesar do vice depois eu sei que tu vai querer falar mais sobre a Olimpíada, mas é muito marcante. A copa dos campeões duas vezes em 2009 e 2013. Daí eu conquistei dois sul-americanos em 2009 e 2011, aí em 2013 eu operei o cotovelo e não participei. Liga Mundial a gente conquistou em 2009 e 2010 e aí foi vice que eu estava junto em 2011 e 2013. Então acho que esses foram os principais e o mundial infelizmente eu não fui porque fui cortado em 2010 que eles foram campeões. Teve uma Copa do Mundo em 2011 que eu também fui para o Japão que eu também fui cortado e não fui.

C.M. – Nos jogos de 2008 foi a época que você operou o cotovelo?

²⁴ Rede Globo de Televisão.

²⁵ Jogos Panamericanos de Guadalajara, 2011.

T.A. – Não. Eu fui convocado em 2006,2007 e ai em 2008 pra Olimpíada de Pequim ele não convocou essa galera mais nova. Ele ainda convocou um pessoal mais velho e mais experiente que na cabeça dele ele usaria na Olimpíada. Então foi um ano em que eu só participei da seleção B e a gente chegou a jogar uma Copa América e não me lembro se foi em Cuiabá e em 2008 a minha participação na seleção foi mais assim só nas seleções B ali.

C.M. – Como foi a preparação para os Jogos Olímpicos de 2012?

T.A. – Pois é para mim foi muito bom. Porque eu tinha voltado do Japão e lá no Japão eu conquistei a Tríplice coroa e já tinha conquistado todos os campeonatos que têm lá e também no Japão acho que cheguei a emagrecer uns oito ou nove quilos então estava me sentindo muito bem fisicamente e em contrapartida ali na seleção por causa de ele estar querendo recuperar o Dante²⁶ que estava com o joelho meio mal e o Murilo²⁷ do ombro né então aquela liga mundial foi onde eu joguei bastante e acho que devido até a esses jogos na liga mundial que eu carimbei meu passaporte para a Olimpíada. Então foi uma preparação pra mim boa porque eu estava jogando bastante e estava me sentindo bem. Mas para a seleção foi meio assim, porque foi até a única liga mundial dessa geração do Bernardinho, ou melhor, foram duas ligas que o Brasil não ficou no *podium* que foi em 2008 ficou em quarto e em 2012 ficou em sexto, então foi o pior resultado em Liga Mundial do Brasil dessa era. Então fica aquela dúvida querendo ou não e o time chegou lá meio assim sabendo das limitações físicas de alguns atletas, mas que já se conhecia porque era um grupo que estava junto faz tempo. E acho que a gente foi muito bem. Essa foi uma das preparações assim. A gente chegou com algumas dúvidas assim, mas acho que mais por fora por parte da imprensa ou de pessoas que não estavam ali, mas a gente sabia do potencial que a gente podia chegar lá.

C.M. – E você foi convocado em que período? Quanto tempo durou essa preparação anterior aos jogos?

T.A. – Eu tava no Japão ainda, então acho que eu fui o último a chegar porque lá no Japão têm uma última copa que é em maio e o Bernardo ele faz assim, normalmente acaba em

²⁶ Dante Guimarães Santos do Amaral.

²⁷ Murilo Endres.

abril a Super Liga, mas quem perde nas quartas, na semifinal ele dá um tempinho de férias, mas já vai chamando pra saquarema pra treinar e eu me lembro, não sei se foi ele mesmo ou se foi a supervisora que me mandou um e-mail me perguntando quando eu poderia chegar e das datas que eu estaria convocado. Ai um dia antes de eu chegar a Saquarema que eu acho que eles divulgaram na imprensa e internet que eu estava sendo convocado. Na primeira lista eu não estava, então foi assim, eu cheguei quase na metade de maio e ficamos até a Olimpíada juntos.

C.M. – E como foi a Olimpíada? A competição em si?

T.A. – Dentro do vôlei os campeonatos mais importantes e que têm um peso maior acho que é o mundial e a Olimpíada. Só que a Olimpíada tem todo o evento de ser a Olimpíada. Tu cruza na Vila Olímpica com atletas que tu só vai ver na televisão, talvez a vida inteira e tem alguns que infelizmente nem ficam na Vila, mas é compreensível, como acho que o Nadal²⁸, jogadores de tênis, a seleção de basquete dos Estados Unidos, acho que o Bolt²⁹ também não ficou, em fim é muito bacana assim ter esse convívio com atletas do mundo inteiro e de tudo que é esporte que tu pode imaginar lá. Eu também fiz o meu aniversário completei vinte seis anos lá e então foi legal, o parabéns foi muito marcante. Depois nos jogos eu já sabia disso e como eu te falei o time estava muito bem, eu participei pouco. Eu me lembro que eu entrei num jogo contra a Tunísia na estreia acho que joguei um pouquinho. Acho que joguei um *set* contra a Alemanha que foi o nosso último jogo antes da fase eliminatória e depois entrei um pouquinho na final naquele quarto *set* que o time já estava meio perdido. Então gostaria de ter participado mais, mas independente disso o que deixou uma marca triste foi da maneira que foi a derrota porque a gente tava ganhando de dois a zero e a gente teve dois *match point* pra fechar ali 24 a 23 e 25 a 24 e não conseguiu e depois no quarto e no quinto eles passaram por cima quase não teve jogo porque eles ficaram sempre muito a frente do placar. Mas igual uma medalha de prata poucos atletas conseguem ir para uma Olimpíada e pouquíssimos conseguem ter uma medalha. A Olimpíada para mim vai ser sempre marcante por isso porque realizei um sonho foi um auge porque disputei uma final olímpica, mas que infelizmente vai ficar marcada pela maneira que a gente perdeu o jogo ali.

²⁸ Rafael Nadal Parera.

²⁹ Usain St. Leo Bolt.

C.M. – Como é que era a estrutura dos Jogos? Assim como hospedagem e alimentação?

T.A. – Perfeita. A Vila Olímpica, o refeitório lá ele era imenso e tinham varias ilhas de tudo que é tipo de comida. Tinha o Mc Donalds também era um dos patrocinadores então tinha lá, comida asiática, tinha comida de tudo que tipo que tu imagina e é imenso. Os quartos eram bons e eu acho que Londres se preparou muito bem para essa Olimpíada eles construíram toda a Vila Olímpica numa área que para eles era considerada já entre aspas assim perigosa, “não tão valorizada”, e veio a Vila e deu um *UP* lá.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

T.A. – Silêncio

C.M. – Então voltando a falar sobre a estrutura dos Jogos Olímpicos?

T.A. – Sim, eles fizeram numa área que na época não era tão valorizada e com a construção da Vila ali e até as vias especiais para os Jogos porque no nosso caso que eu saiba ali o ginásio ficava a uma hora e mesmo com tudo livre, ele ficava a uma hora, então deu um *Up* e se eu não estou enganado eles construíram tudo e ainda devolveram o dinheiro. Nem chegaram a usar todo o dinheiro que era pra ser investido na Olimpíada. Então eu acho que em termos de organização e estrutura foi perfeito, excelente. Porque a gente, às vezes, escuta e agora não me lembro, mas eu já escutei histórias de outros Jogos, às vezes, dá um probleminha, mas foi Londres foi perfeita. Até um ano antes tinha tido a experiência, pois eu joguei a Olimpíada universitária a Universíade³⁰ na China que foi muito legal em termos de estrutura os Chineses. Até teve agora uma outra Olimpíada lá que mostraram a abertura, só que eu acho que daí é dos mais novos, até acho que é infantil. Então é cem por cento. É parecido, mas daí muda, como eu posso dizer, lá são os *tops* do esporte e para alguns na Universíade são os futuros e alguns até já são e têm idade pra estar lá então acho que Londres estava de parabéns mesmo.

C.M. – Tirando o jogo contra a Rússia teria alguma experiência negativa ou frustrante das Olimpíadas?

T.A. – Não. Acho que não. Acho que só o jogo mesmo que bastou para ser e vai ficar o resto da vida. Acho que não. Acho que foi tudo cem por cento tirando o jogo. Fora de quadra a gente não teve problema nenhum e o Brasil lógico já sabendo a gente tinha um ginásio só para o vôlei masculino e feminino. Tinha quadra e tinha uma estrutura toda montada do transporte só para gente, então foi perfeito, muito bem organizado.

C.M. – Bom em relação a Olimpíada ainda como foi retornar depois desse jogo? Vocês ficaram lá mais um tempo ou já retornaram direto?

T.A. – Bom alguns. Acho que a TAM³¹ que estava patrocinando e fez o transporte dos atletas olímpicos e eu me lembro que a final foi no domingo e alguns voltaram na segunda e alguns voltaram só na quarta e fui um dos que voltaram só na quarta. Então ainda demos uma passeada em Londres e ficamos lá. Lembro que na quarta já não tinha mais quase ninguém na Vila, mas ainda tava funcionando o refeitório só que pela metade, mas ainda tava funcionando tudo.

C.M. – Você chegou a participar da abertura com a delegação brasileira?

T.A. – Eu acabei não indo em nenhum dos dois porque ele deixou facultativo e a gente tinha um jogo no dia seguinte daí eu acabei não indo e no encerramento a gente tava triste ali pela derrota e meu pai foi lá assistir e era dia dos pais ainda no domingo de agosto e acabei ficando com ele. Acabei não indo em nenhum dos dois para poder te contar.

C.M. – Têm mais alguma coisa sobre a participação dos Jogos Olímpicos que você queira comentar?

T.A. – Acho que não. A gente falou da estrutura ali dos jogos e como falei participei pouco, mas acho que a nossa campanha foi muito boa e deu tudo certo. Ali no fim faz parte

³⁰ Jogos Mundiais Universitários.

³¹ Companhia Aérea.

do esporte e ficou uma lição. Dentro do esporte ficou uma lição que acontece dessas viradas e dentro vôlei da tática que aconteceu, aquelas mudanças de posições e o jogo como mudou acho que foi uma lição em todos os sentidos.

C.M. – Qual foi a repercussão da sua participação dos Jogos Olímpicos na sua carreira?

T.A. – Talvez para os outros pode ter dado, mas eu não senti muito a mudança assim para mim, foi diferente por ter realizado um sonho e ter visto de perto o que é uma Olimpíada. Agora já fazer parte da seleção é o que mais muda porque a gente já treina bastante, todo mundo já ouviu falar que a gente treina bastante na seleção então acho que esses anos que eu fiquei ali de 2006, só esse ano que não fui. Então foi uns sete anos de seleção mais ou menos e acho que me ajudou muito a crescer como atleta e como pessoa. Me ajudou a pegar uma experiência internacional muito boa, então acho que estando lá é o que faz mesmo a diferença pra ti. Acho que eu voltei depois da Olimpíada eu estava voltando depois de uma temporada no exterior e depois dos jogos eu voltei pro Rio de Janeiro e a gente conquistou o título no Rio que é uma cidade apaixonada por esportes em geral. O carioca ele adora seja lá futebol hoje no Brasil é religião, é o top, está muito acima de tudo que é dos outros tanto que é o único que é considerado profissional e os outros não são. São todos esportes amadores. Mas eles acompanham tudo e eles sabem tanto que te param na rua e te perguntam e conversam contigo. Nossos jogos apesar de ser no Maracanãzinho³² que é grande vêm um monte de gente só que dá a impressão que duas, três, quatro mil é pouca gente. Mas na final tinha onze mil, quase doze mil pessoas e depois de não sei quantos “nãos” eles falavam lá vinte e tantos anos que não tinha um time no Rio, que o time no Rio não conquistava. Então acho que eu já voltei sendo muito especial esse retorno.

C.M. – Como você acha que foi a sua recepção aqui no sul? O pessoal daqui te reconheceu?

T.A. – É difícil falar. Que nem eu te falei, eu não senti muito sabe. As pessoas sabiam, talvez não muitas, mas quem acompanha gosta de esporte e trabalha com isso sabe e reconhece. Pelo menos faz umas perguntas. Agora não senti tanto impacto, como eu te

falei, eu senti o impacto da passagem pela seleção sim, porque tu vê uma diferença né, agora da Olimpíada acho que foi mais interno essa mudança. Pelo menos na minha opinião. Na minha concepção do que aconteceu depois.

C.M. – A gente já conversou um pouco sobre isso, mas eu queria que você falasse também, registrasse, essa diferença de quando você começou no vôlei aqui e como você vê o vôlei agora?

T.A. – Acho que quando eu comecei aqui até no União eu acho que como posso dizer eu via campeonatos, eu via a estrutura dos clubes amadores que estavam começando de mini até infanto-juvenil eu via que tinha mais estrutura, mais pessoas trabalhando, mais guris e gurias buscando isso. Tinha mais campeonatos e os clubes buscavam isso agora até deu uma caída. Até quando eu deixei o União que a gente estava conversando chegou até ter time de adulto e hoje eu não sei te dizer, mas deve ter voltado até infanto não tenho certeza. Então talvez pro Rio Grande do Sul dar essa explosão de novo e esse crescimento talvez tenha que dar uma melhorada nessa parte de base de novo do estado.

B.O. – Em relação a jogar no Brasil e jogar no exterior têm alguma diferença que você visualiza nos clubes?

T.A. – Até estava conversando esses dias com um pessoal acho que hoje no exterior, acho que sempre foi assim, sempre foi bem organizado. Tu pega a Itália que todo mundo falava que tu pega a camiseta vários patrocínios na quadra era assim, quase um monte de adesivo, então tinha um investimento muito forte. Era organizado porque aonde têm investimento tem organização também, tem estrutura. Talvez aqui no Brasil eu acho que deu uma crescida muito boa até porque no começo dessa geração do Bernardinho quase cem por cento somente um ou dois jogavam aqui no Brasil. O mercado Europeu era muito forte e jogava todo mundo lá fora. Depois eles começaram ali por 2008, 2009, 2010 e o vôlei brasileiro, a Super Liga foi com certeza um dos três, quatro maiores campeonatos do mundo entendeu. Foi um campeonato muito forte e super valorizado só que agora acho que está chegando um momento tu vê até pelos resultados da seleção acho que chegar no pódio é um resultado muito importante e tem que ser valorizado talvez aqui no Brasil, a gente

³² Ginásio Maracanãzinho.

não tenha essa visão ou tu é campeão ou tu não é nada, mas talvez esteja chegando no momento de novo do jogadores irem lá pra fora. Eu acho que essa organização e tu jogar contra eles e o nível. Têm três campeonatos Europeus, tem três divisões e quando tu viaja bastante tu conhece e tu ter esse contato acho que é importante só que aqui no Brasil em termos de estrutura dá pra dar uma melhorada. A gente está vendo, já falando de outras coisas essa crise da CBV³³, por fora. Acho que hoje o vôlei brasileiro ele está meio instável.

C.M. – Já pensou em retornar para o Rio Grande do Sul?

T.A. – Pensei sim. Tu até me escreveu e eu treinei na quinta feira lá em Canoas³⁴ e cheguei antes, conversei um pouco e depois fiquei um pouco, conversando com o pessoal da comissão técnica e atletas de lá. E é legal e senti a falta mesmo jogando em outros times. Eu gostava de dizer que no Rio Grande do Sul tem quatro times profissionais sabe? E daí fico triste com o que aconteceu agora. Eu entendo e não entendo. Entendo mas talvez não concorde com essa não entrada deles³⁵, porque eles quase entraram, daí saíram da Super Liga, acho que ali no Vale dos Sinos eles gostam de vôlei. O gaúcho gosta de vôlei e poderia ter facilmente um time aqui em Porto Alegre é que talvez não sei, as vezes, podem ter empresas que eles não olham como investimento, eles olham talvez como se tivessem perdendo dinheiro. Acho que aqui a gente tem um público muito forte, o gaúcho gosta de esporte. Então eu penso que gostaria de até encerrar minha carreira, ver se jogava em um time aqui no Rio Grande do Sul, porque a lembrança que eu tenho mais próxima é de quando eu ia lá torcer pegando autógrafo e eu vou levar agora até porque o Gilson³⁶ vai ser técnico no Japão num outro time lá e eu tenho uma camiseta guardada até hoje de um autografo dele que eu entrei na quadra depois do jogo fui lá pedir. Vou levar lá e mostrar para ele.

C.M. – Têm mais alguma coisa que você queira registrar?

T.A. – Não sei. Acho que não.

³³ Confederação Brasileira de Vôlei.

³⁴ Vôlei Canoas.

³⁵ Se refere ao Canoas Vôlei.

³⁶ Gilson Bernardo.

C.M. – Da sua carreira?

T.A. – Da minha carreira não sei te dizer, acho que importante isso que estava te dizendo, a gente precisa focar aqui no Rio Grande do Sul, poderia sim ter mais. Agora Bento também vai entrar na Super Liga B, não duvido que no próximo ano já vai entrar na Liga principal. Eu acho que isso é importante, eu vou sempre torcer para o estado e quero um dia voltar a jogar aqui. Só que acho que essa parte de baixo, esse seleiro também precisa ser estruturado de novo. Para a gente bombar aqui.

C.M. – Então Thiago era isso, agradeço em nome do Centro de Memória Esporte. Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]